

Nádia da Cruz Senna

Artista plástica, pesquisadora e professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas, atuando junto as disciplinas de Desenho, Design e História em Quadrinhos. alecrins@uol.com.br

o desenho do corpo o corpo que desenha [1]

O ensaio contempla reflexões e produções em torno do corpo a partir das experiências em ensino, extensão e pesquisa.



[1] Artigo visual



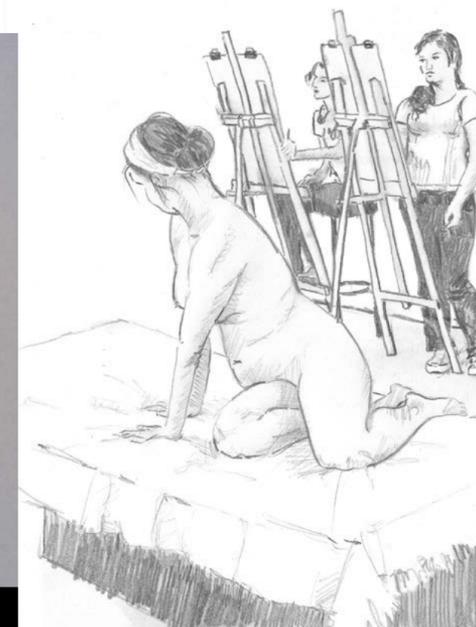
Do corpo que desenha se quer o olhar atento. É necessário adotar uma postura diferenciada: se desenha de pé, o braço fica liberado para produzir o gesto do tamanho que a percepção apreendeu a figura.

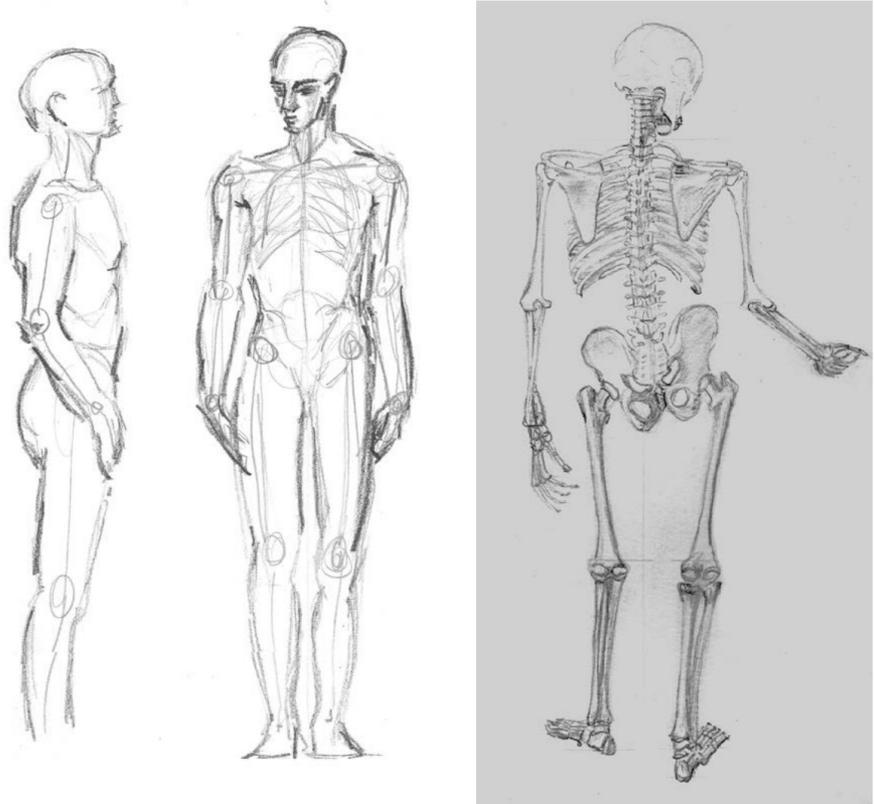


Do corpo que posa se quer a naturalidade, é preciso ficar nu com a mesma tranquilidade como se estivesse vestido com suas roupas mais comuns. É um exercício de desprendimento para colaborar com os iniciantes, e de disciplina para aguentar as poses.

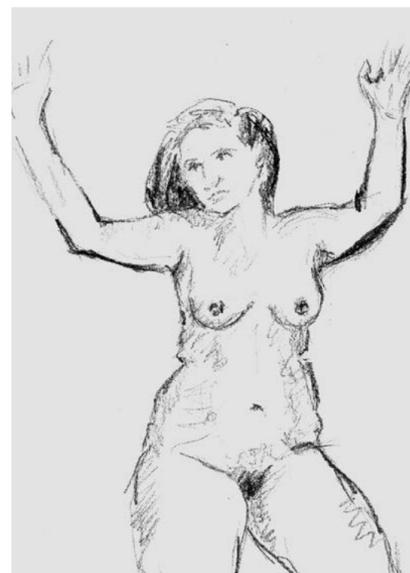
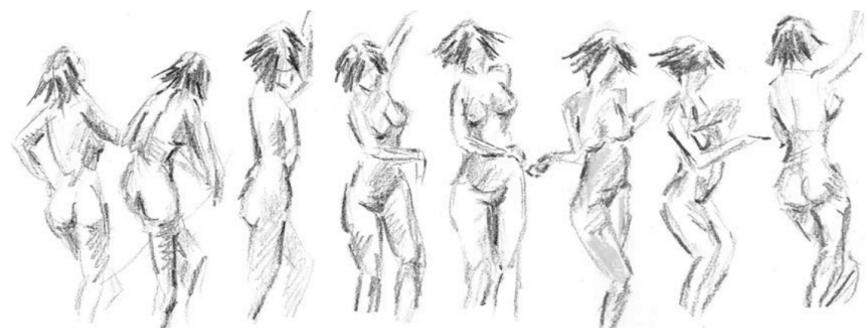


Renan/2010

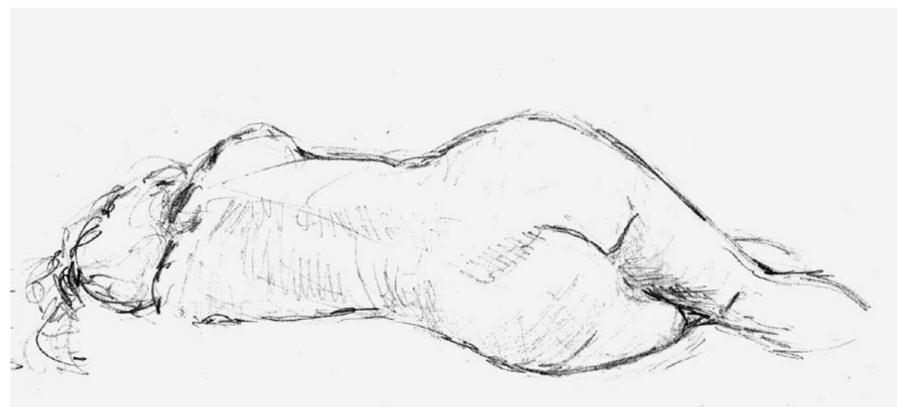


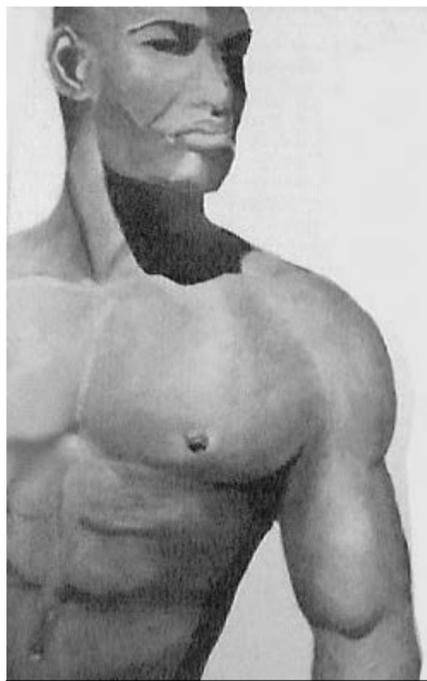


O desenho do corpo se inicia com a compreensão das estruturas que sustentam o corpo: óssea, muscular, articular. Tem que ver no outro, uma estrutura que também é minha, é desenho de observação e de reconhecimento.



As formas são entendidas pelos volumes e reentrâncias, traduzidas no desenho por linhas e manchas. A corporalidade é percebida no todo e no detalhe. As partes são tomadas umas em relação as outras. O desfile de corpos evidencia aquilo que se sabe, os cânones são diferenciados, convivem mutuamente e remetem-se uns aos outros o tempo todo, conforme salienta Umberto Eco.





Trabalho coletivo/2000

Adônis em versão negra, um modelo cujas formas perfeitas copiam o Davi de Michelangelo, selecionado exatamente para entendermos como se instaura um cânone. Sua corporalidade revela força e potência.

Também comparecem corpos que emanam eroticidade, com uma carnalidade excessiva e curvilínea. Resgatamos os nus femininos reclinados, uma representação tão recorrente na história da arte e da cultura que forja uma iconografia da sensualidade feminina.

As referências são tomadas a partir de Giorgione, Ticiano, Ingres, Manet, Modigliani, Courbet... As poses imitadas podem ser vistas de diferentes perspectivas, a experiência provoca um conhecimento da arte e das imagens produzidas, em escala ampliada, abrange técnicas, estilos, dados históricos e sociais alcançando preferências pessoais.



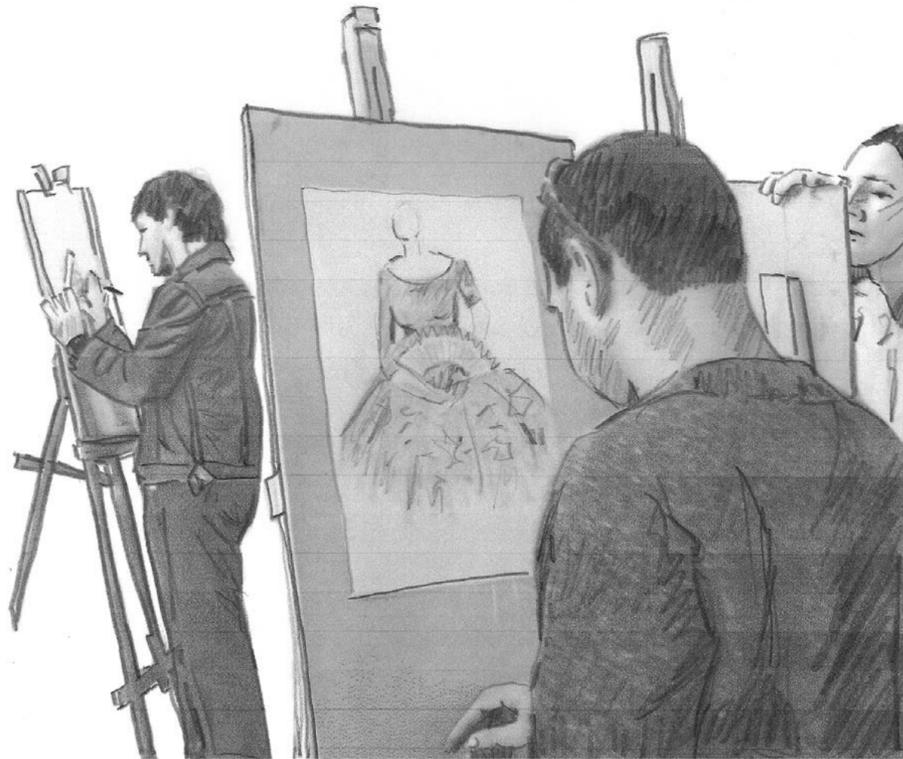
Do explícito para o sutil, elencamos corpos flexíveis, bailarinas cujas formas traduzem o movimento. A opção pelo pastel revisita Degas, as aguadas dissolvem as formas no ar do papel.



Cassius

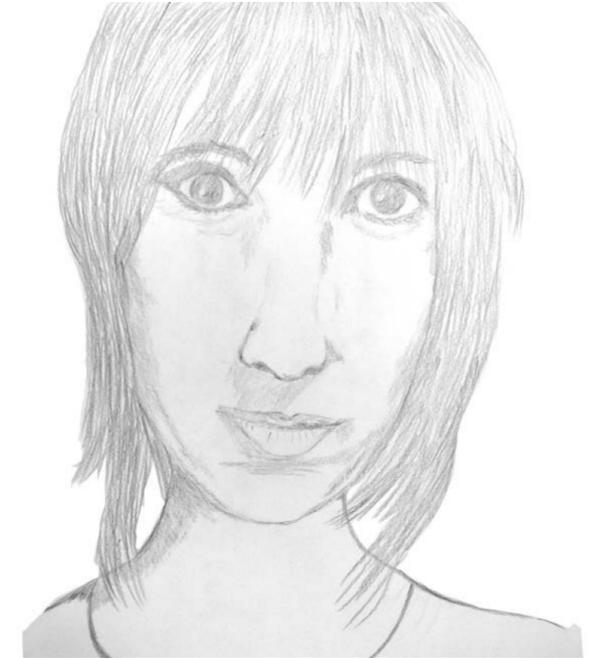


A caracterização do modelo é pretexto para o estudo de técnicas de ilustração e design, concorrem : a observação dos detalhes, expressões e a percepção das transmutações que as roupas conferem aos corpos, criando identidades para personagens.



O autorretrato, tão presente na arte contemporânea, comparece como possibilidade de afirmação de si como indivíduo, artista, personagem.

O exercício se dá em torno de um tema, articula história da arte, mitologia, cultura visual/social; repertórios oriundos de diferentes áreas são acionados. Ficam explícitos: o jogo teatral, os aparatos artificiais que "colam" nos sujeitos e dão a ver outras identidades.



Isabel/2010



Victor/2011



Ciane Jones/2010



Thais Sehn/2008

Para gregos e troianos expôs o/a Deus(a) que me traduz e/ou me inspira: Zeus, Hera, Afrodite, Dionísio... A pesquisa enveredou pelo universo da Mitologia Greco-Romana, olímpianos conhecidos (outros nem tanto), seres míticos, híbridos e mortais assinalados são referências para as construções das personagens.



Dani Moraes/2008

O friso, as mulheres de Atenas, é trabalho de gênero! (vínculo com outras pesquisas) Deixa ver a profusão de papéis desempenhados pela mulher na Antiguidade, e que ainda hoje estão identificados com o feminino. Divindade, maternidade, inocência, Ideal, sensualidade são arquétipos recorrentes, quando revisitados na contemporaneidade atualizam discursos e propõem novos modos de ver a mulher. São mais de 40 autorretratos de alunas, só nesse painel, protagonismo feminino nas artes.



O passeio pela história da arte e da cultura ativa imaginários de uns e de outros; atravessando fronteiras espaciais e temporais. O mergulho no mundo medieval partiu das iluminuras dos Irmãos Limbourg, passou pelas lendas dos Irmãos Grimm, alcançou a Irmandade do Anel de Tolkien, chegando à transgressão contemporânea de Shrek. Personagens históricos e fictícios ilustram um conto de fantasia do século XXI.



O painel ganha o horizonte para abrigar os personagens dos pampas, num grande desenho construído a muitas mãos, comparece a sobriedade da terra, o heroísmo anônimo, um pouco da nossa história para receber tantos de outros pagos.



“Eu na Fachada” avança para o espaço da rua, dialoga com a arte urbana, recupera o patrimônio e constrói uma identidade para o prédio do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.



O trabalho se ampliou e adquiriu complexidades, parcerias se estabeleceram auxiliando a encenar um período com riqueza de detalhes. Barroco Revisitado traz a representação de si como personagem, inversão de papéis e a performance. O corpo que se apresenta. A mostra se instala em um espaço de exposição alternativo, em um bairro de periferia, exige a mediação, dando a ver o que se faz e querendo ensinar a ver.

Diego/ 2013